



---

**Finitude Humana: *A perplexidade do homem diante da morte***

---

Anderson Santana Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:**

O fim da vida humana é alvo de estudo de um grande número de publicações científicas recentes. Isso pode ser justificado pelo crescente interesse da abordagem desse tema no campo da medicina legal e da bioética, embora estudos de cunho antropológico já apresentassem consideráveis contribuições para essa discussão. Para que possamos começar a compreender alguns aspectos dessa questão tão ampla acerca da morte propomos neste trabalho traçar algumas definições iniciais e comentar três grandes filósofos que pensaram sobre esse assunto. Inicialmente apresentamos algumas definições de “morte” coletadas em dicionários de Filosofia. Em seguida, apresentamos três visões sobre o tema: a de Epicuro (341 a. C. – 271 a. C.), para quem a morte nunca nos encontrará, por isso não é preciso temê-la; a visão de Russell (1872 – 1970), que concebe a morte como o fim absoluto do ser humano; e, por fim, a visão existencialista de Sartre (1905 – 1980) que apresenta o absurdo da existência, e conseqüentemente do próprio evento da fúnebre. Conclui-se o ensaio com uma breve discussão sobre alguns aspectos mais concretos do tema, abordando a possibilidade de compreendermos, a partir dessa reflexão sobre a morte desenvolvida nesse artigo, o valor inestimável da vida humana.

**Palavras-chave:** Morte. Vida. Epicuro. Russell. Sartre.

**Abstract:**

The purpose of human life is the subject of study of a large number of recent scientific publications. This might be explained by the growing interest in addressing this issue in the field of legal medicine and bioethics, although anthropological studies already produced significant contributions to this discussion. So we can begin to understand some aspects of this issue so broad about death, we propose in this paper to draw some initial definitions and comment on three great philosophers who have thought about this. First we present some definitions of "death" collected in dictionaries of philosophy. We then present three views on the subject: that of Epicurus (341 BC - 271 BC), for whom death will never find us, so no need to fear it, the vision of Russell (1872 - 1970), which sees death as the ultimate end of man, and, finally, the vision of existentialist Sartre (1905-1980) that shows the absurdity of existence, and consequently the funeral of the event itself. We conclude the essay with a brief discussion of some more practical aspects of the topic, addressing the possibility of understanding, from that reflection on death developed in this article, the inestimable value of human life.

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Faculdade João Paulo II - FAJOPA. Orientador: Prof. Ms. Cristina Amaro Viana. Email: a.santana.cunha@hotmail.com



**Keywords:** Death. Life. Epicuro. Russell. Sartre.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente são abundantes atualmente os estudos biológicos, psicológicos, sociológicos, médicos, legais etc. sobre a morte, que procura compreender a maneira como em diferentes comunidades e em diferentes classes sociais, é encarado o fato de que os seres humanos morrem. Esses estudos são importantes, visto evidenciarem que a morte é, a um só tempo, fenômeno social, natural e humano.

Com a filosofia não é diferente, e tem sido comum estudar filosoficamente o problema da morte, especificamente o problema da morte humana. Isso pode até nos parecer redundante, mas ao investigar essa problemática identificaremos que há distinção entre alguns conceitos daquilo que se entende pelo problema.

Este trabalho propõe fazer uma investigação filosófica da questão: uma descrição e a análise de diversas ideias sobre a morte ao longo da história, de modo particular, no curso da história da filosofia. Para tanto, após apresentar em linhas gerais, o conceito de morte e uma breve reflexão sobre a mesma, apresentamos três filósofos, de épocas distintas, que oferecem determinada idéia a respeito desse problema. São eles: Epicuro, Bertrand Russell e Jean Paul Sartre.

Trataremos de apresentar alguns aspectos fundamentais daquilo que eles pensavam acerca da morte (e também da existência), de modo que esse estudo alargue nosso conhecimento sobre essa problemática filosófica, e nos forneça subsídios para melhor discutir e compreender o tema aqui discutido: a morte.

### **1. O QUE É A MORTE?**

Desde os pré-socráticos até os pensadores contemporâneos, uma sombra parece acompanhar todo o desenvolvimento do pensamento racional. Provavelmente porque a própria morte tenha sido a primeira grande descoberta do homem, já que ele próprio deu-se conta de sua finitude, ou seja, de que sua vida embora dotada de toda singularidade na natureza, num determinado momento deixava de existir.



Por que morremos? Para onde vamos após a morte? A morte seria o fim? Esses são exemplos das indagações que demonstram porque a morte – que é um evento natural da vida humana, no sentido de que um dia morremos – é tão temida. Savater no livro “As perguntas da Vida” (2001, p. 15) afirma que dar-se conta de que os outros morrem, de que aquelas pessoas que nos cercam um dia deixarão de “existir”, causa uma estranha e terrível sensação, porém, ainda mais espantosa é a constatação da própria morte (a morte do *eu*).

Tratar da morte numa óptica filosófica, como é nosso escopo, exige certo equilíbrio entre fé e razão, já que temos para esse assunto, conteúdo de dois campos de conhecimento distintos, o da *filosofia* – que se baseia no método racional para explicar tal fenômeno – e o da *religião* – dando respostas às inquietações do homem diante de sua finitude<sup>2</sup>, principalmente na divulgação da ideia de vida após a morte.

Vários os filósofos se dedicaram a esse assunto, alguns chegaram a atestar uma intrínseca relação entre a filosofia e o fim da vida, e até mesmo a própria coincidência da reflexão sobre morte com a história do pensamento racional. José Ferrater Mora, autor do “Dicionário de Filosofia” nos apresenta essa relação, ao tratar do verbete “morte”, numa perspectiva clara:

Platão afirmou que a filosofia é uma meditação sobre a morte. Toda vida filosófica, escreveu mais tarde Cícero, é uma *commentatio mortis*. Vinte séculos depois, Santayana afirmou que ‘uma boa maneira de provar o valor da filosofia consiste em perguntar o que ela pensa acerca da morte’. De acordo com estas opiniões, uma história das formas da ‘meditação sobre a morte’ poderia coincidir com uma história da filosofia. (FERRATER MORA, 2001, p. 2016).

Essas opiniões podem ser compreendidas em dois sentidos distintos, conforme Ferrater Mora: o primeiro sentido é que a filosofia seria primariamente uma reflexão sobre a morte; e o segundo é que a pedra de toque de inúmeros sistemas filosóficos seria constituída pelo problema da morte.

---

<sup>2</sup> É válido salientar que o próprio estudo das Ciências das Religiões, que estuda o fenômeno religioso, em diversos ambientes, e momentos históricos, afirma a existência de um profundo vínculo da constatação da morte com a evolução do sentimento religioso no homem; essa informação nos é válida, já que nossa discussão perpassa seus limites filosóficos. Recomendo para aqueles que desejarem aprofundar nesse tema a seguinte referência: FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 2003.



De ambas as afirmações, o sentido mais plausível seria o segundo, já que essa definição não possui uma visão que particulariza a filosofia, que por sua vez é um saber que reflete os mais diversos aspectos que fazem parte ou circundam o homem, mas evidencia a importância que tem esse assunto, para o desenvolvimento do saber filosófico.

Constatada a importância desse acontecimento para a filosofia, procedamos a algumas ponderações acerca daquilo que podemos entender por “morte”, e para bem embasar essa introdução pesquisou-se a própria palavra em alguns dicionários específicos do saber filosófico.

Abbagnano (2007, p.795) apresenta duas considerações, ele afirma que uma das formas de compreender a morte é como o “falecimento”, um fato que ocorre na ordem das coisas naturais; e uma segunda forma abarca a sua relação específica com a própria existência humana.

Ferrater Mora (2001), afirma que podemos compreender também tal termo, duas maneiras distintas: uma delas é encarar a morte como uma cessação, um fenômeno natural; e uma outra maneira é de entendê-la num modo restrito, levando em consideração apenas a morte humana.

Sobre esses dois prismas, tanto aquele que é apresentado por Abbagnano, tanto aquele que nos é oferecido por Ferrater Mora, discorreremos sobre alguns aspectos que lhe são característicos, para começar a iluminar melhor a compreensão que ora iremos defender aqui do conceito de morte no campo filosófico.

### **1.1 A Desintegração Orgânica**

As duas primeiras maneiras de se entender a morte, propostas pelos dois autores, são muito semelhantes. A expressão “desintegração orgânica” é apresentada por Ferrater Mora, que apresenta a analogia possível entre a morte e o fenômeno da cessação do orgânico, ou seja, o fim da vida consciente da matéria do qual somos constituídos.

Embora a perplexidade tome conta de nosso ser, o fato de que todos morrem, inclusive aqueles que não tem conhecimento da própria finitude, pode ser encarado como um evento da ordem dos acontecimentos das “coisas naturais”, que



irremediavelmente ocorre, como se tivesse uma ligação estreita com a nossa própria natureza. Nesse sentido a afirmação popular: “nascemos com uma única certeza de que: morreremos”, tem muito sentido.

Outro item fundamental, ainda tratando-se da morte nesse primeiro aspecto proposto, é a “igualdade dos homens perante a morte”, ou seja, ainda que as diferenças e as dessemelhanças tenham-no acompanhado toda a vida, diante de sua morte, o indivíduo se depara com uma “justiça”. A morte não poupa nem ricos, nem pobres; nem escravos, nem livres; nem justos, nem injustos... Para ilustrar tal afirmação, Abbagnano oferece o fragmento de um texto de Marco Aurélio: “[...] Alexandre da Macedônia e seu arrieiro, mortos, reduziram-se à mesma coisa: ou ambos são reabsorvidos nas razões seminais do mundo ou ambos são dispersos entre os átomos” (MARCO AURÉLIO *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 795).

Compreendendo a morte desta forma, leva-se em conta apenas o aspecto “atomista” e “materialista” desse acontecimento na vida humana. A morte assim compreendida não concerne propriamente à existência humana, pois carece de uma visão fenomenológica. Diferente da visão que apresentaremos no próximo tópico.

## 1.2 A Morte Humana

Em sua relação específica com a existência humana, a morte pode ser entendida de três maneiras: a) como início de um ciclo de vida; b) como fim de um ciclo de vida; c) como possibilidade existencial. Trataremos de maneira particular cada uma delas a partir de agora:

O primeiro modo de compreender a morte é encarando-a como início de um ciclo de vida. Nesse modo de entender a morte, encontram-se aqueles que afirmam existir a reencarnação, ou a vida incorpórea. Grande número de religiões e seitas apóiam-se nesse modo de compreender a finitude do ser humano, afirmando algumas a imortalidade da alma. Esse conceito é assimilado por alguns filósofos, para outros essa concepção é deficiente.

A idéia de que, depois desse evento fúnebre, chegaremos a uma terra de felicidades eternas (ou conheceremos o castigo sem fim) como é comumente divulgado pelas religiões, parece saciar o desejo humano de eternidade.



Uma segunda maneira de enxergar esse evento fúnebre é compreendendo-o como o fim de um ciclo de vida. Essa visão nos parece ser muito popular, e muito divulgada. Parece servir de consolo ante o sofrimento que nos é imposto pela morte. Quem nunca ouviu a expressão: “agora lhe chegou o descanso”. A idéia de que muitas vezes, a melhor saída para algumas situações vividas é a sua cessação, seu fim, seu aniquilamento, é muito presente na sociedade contemporânea, basta lembrar daqueles que defendem a pena de morte como a saída para resolver os problemas da violência urbana.

Marco Aurélio afirmava que na morte estaria o repouso dos contragolpes dos sentidos, dos movimentos impulsivos que nos arrastam para cá e para lá como “marionetes”, das divagações de nossos raciocínios, dos cuidados que devemos ter para com o corpo. (MARCO AURÉLIO *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 796).

Por fim, a terceira e última maneira, é justamente encarar o fim da vida como possibilidade existencial. Nesse último tópico a morte é compreendida não como um acontecimento particular, um início ou fim de um ciclo de vida do homem – como nos foi apresentado nos itens anteriores – mas como uma possibilidade que está sempre presente na vida humana, e que pode surpreendê-la a qualquer momento.

Alguns pensadores da Filosofia Moderna irão denominar essa reflexão como “filosofia da vida”, apresentando a morte como uma oportunidade ímpar para entender a própria existência. Essa corrente filosófica afirma que a relação que caracteriza de modo mais profundo e geral o sentido de nosso ser é a relação entre a vida e morte, porque a limitação da nossa existência pela morte é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida.

Nessa explanação foi possível perceber o debate fundamental entre os diferentes conceitos de morte, presentes na discussão filosófica desse tema. Os filósofos oscilam na própria concepção de morte. Isso gera conflitos de ideias, como por exemplo, a concepção atomista materialista que entende o fenômeno de cessação do orgânico, mas não o processo de morte humana, ao passo que a concepção estruturalista espiritualista entende bem o processo da morte humana, mas não o fenômeno da cessação do orgânico.

Apresentados esse conceitos, tem-se conhecimento suficiente para avançar na reflexão específica de alguns filósofos. Três foram selecionados para a reflexão:



Epicuro, Russell e Sartre. Depois de uma breve introdução acerca da biografia de cada um, esboçaremos algumas idéias do pensador sobre o tema, a partir de um texto referencial, já que os citados pensadores possuem uma vasta produção intelectual.

## 2. EPICURO E O MEDO DA MORTE

Com sua concepção materialista da realidade, Epicuro pretende compreender os dois temores que o impediriam o homem de encontrar a felicidade: o medo dos deuses e o temor da morte. Os deuses existem, afirma Epicuro, mas seriam seres perfeitos que não se misturavam às imperfeições e às vicissitudes da vida humana. Os deuses viveriam em perfeita serenidade nos espaços que separavam os mundos.

Quanto à morte, não há também por que temê-la, já que ela não seria mais que a dissolução do aglomerado de átomos que constitui o corpo e a alma. Essa concepção fica clara com a sua obra “Carta a Meneceu”, também chamada de “Carta sobre a felicidade” (EPICURO *apud* VIANA, 2010, p.30).

A morte, portanto, não existe enquanto o homem vive e este não existe mais quando ela sobrevém<sup>3</sup>. Epicuro insiste que é insensato quem diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, ou seja, não sentiremos a morte, mas porque o aflija pensá-la, prevê-la: o que não nos perturba quando está presente inutilmente nos perturba enquanto o esperamos.

Além disso, segundo Epicuro, temer a nossa própria não-existência futura, é algo tão irracional como lamentar a não existência que desfrutamos antes do nosso nascimento.

Acostuma-te à idéia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO *apud* VIANA, 2010, p.30)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> “‘Quando nós estamos, a morte não está; quando a morte está, nós não estamos’ (Dióg. L. 125)” (ABBAGNANO *apud* EPICURO, 2007, p. 795).

<sup>4</sup> In.: VIANA, Cristina A. *Apostila para o Curso de Pesquisa Filosófica I*. Marília, SP: Faculdade João Paulo II, 2010, p. 30.





Epicuro prende a morte na armadilha da disjunção, ela não é nada para nós, não tem relação conosco. Ela não é um mal nem um bem, como pensam alternativamente, em seu desvario, os homens que a temem e os que a desejam; ela aniquila o sujeito para que bem e mal signifiquem alguma coisa. Ela não nos atacará, ela não nos fará nenhum mal, pois nunca nos encontraremos com a morte.

Na perspectiva de vivência, para Epicuro, sábio é aquele que vive o presente, e não teme a morte: “O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não-viver não é um mal”.<sup>5</sup>

A mortalidade absoluta faz da vida uma totalidade fechada, cuja extensão é sem importância; a perfeição de que ela é passível é intensa, e não extensiva. Assumindo plenamente sua condição mortal, o epicurista suprime a nostalgia da imortalidade, ao mesmo tempo em que possui bens que se podem dizer imortais, pois não poderiam ser dele desligados.

### 3. RUSSELL E A MORTE COMO FIM

Iremos discorrer agora sobre aquilo que pensa Russell acerca da morte. Para tanto, utilizamos o texto: “Sobrevivemos à morte?”, cujo trecho está em seu famoso livro: “Por que não sou cristão” (RUSSELL *apud* VIANA, 2010, p.36), satisfaz ao anseio de nossa reflexão. Ainda que o texto não trate de modo direto o assunto, ele nos apresenta uma série de ponderações que podem nos propor determinadas conclusões.

Segundo Russell, é necessário primeiramente discutir se o indivíduo é a mesma pessoa que era ontem, ou seja, para discutir a perplexidade diante da morte, devesse começar pela sua parte empírica. Primeiramente ele invalida que as substâncias sejam definidas como alguns filósofos costumavam afirmar, já que a matéria está em contínua transformação. Então a continuidade de um corpo é uma questão de aparência e conduta, e não de matéria.

Depois de afirmar que a continuação de um indivíduo depende da aparência e da conduta, ele procura fazer uma relação com a alma, ou espírito. Para ele esta não seria uma entidade única, mas sim a continuidade mental, baseada em hábito e memória.

---

<sup>5</sup> Idem, p. 31.





Portanto, se há sobrevivência após a morte, o hábito e a memória permanecem. Para Russell ninguém pode provar que isso não acontecerá. Mas o hábito e a memória estão ligados à estrutura cerebral, que por sua vez se decompõem com a morte, ou seja, a memória se dissolve, assim como as características de hereditariedade e personalidade se dissolveria com o corpo (RUSSELL *apud* VIANA, 2010, p. 36). Esse é o forte argumento que Russell apresenta.

Após longa reflexão, conclui-se que o espírito não sobreviveria à destruição total da estrutura do cérebro, portanto, assim que morrem ocorre a desintegração da massa cefálica e deixamos de existir plenamente, nem corpo e nem alma sobreviveriam a este evento fúnebre.

Ainda continuando sua dissertação, Russell afirma que não foram os argumentos racionais que nos levaram a crer na vida futura, pós-morte, mas as emoções, e dentre elas, a mais importante quando o assunto é a nossa própria finitude é o medo da morte. O autor ainda cita uma série de eventos em que esse sentimento é importante<sup>6</sup>, não o inutilizando, mas apenas justificando, porque nos conforta tanto a idéia de que a morte é apenas uma passagem para uma outra vida.

As últimas palavras do texto são severas críticas ao homem, exemplificando sua tese na constatação de que países civilizados gastam incalculáveis somas de dinheiro para financiar a morte de outros seres humanos, e ademais questões éticas que são invadidas por questões de poder e dinheiro frequentemente. Esse e outros fatos, questiona Russell, poderia provar e evidenciar a existência de um Criador inteligente? Conclui-se o texto, com a dúvida a cerca da compreensão desse mundo em que vivemos: seria ele resultado de um acidente, ou de um demônio? Russell prefere a primeira, por ser menos penosa e mais plausível (RUSSELL *apud* VIANA, 2010, p. 36).

#### **4. SARTRE, O ABSURDO E A EXISTÊNCIA**

---

<sup>6</sup> O autor ressalta a importância desse sentimento para a própria constituição da raça humana. A luta pela vida, esse espírito combativo instintivo, também presente nos animais é muito importante para a preservação das espécies. Além disso, possui um valor militar, já que o combatente tende a preservar a sua vida, e, por conseguinte, de toda a sua tropa, ou na idéia de recompensa futura, pela doação de sua vida;



Como texto base para a confecção dessa seção, utilizamos trechos da obra “A Náusea” (SARTRE, 1938), que é considerada um dos primeiros esboços das formulações do pensamento existencialista sartreano, sendo o primeiro romance escrito por Sartre.

A concepção que orienta a filosofia existencialista de Sartre é anterior à sua formalização em “A Náusea”. Ela nasceu da situação familiar de um órfão de pai, criado pela mãe e pelos avós maternos, num meio e numa ideologia nitidamente circunscritos, os da burguesia universitária parisiense<sup>7</sup>.

A estória se baseia nos diários de Antoine Roquentin, personagem fictício que representa um historiador que viajou pela Europa e se estabeleceu em uma pequena cidade portuária da França: Bouville. E é justamente nesse último acontecimento de sua vida que ele começa a escrever o diário. Roquentin mora sozinho em Bouville, e à medida que vai ficando pensativo em sua solidão, no seu estudo para escrever a biografia de um nobre francês do século XVIII, o marquês de Rollebon, se descobre com estranhas idéias acerca do sentido da existência e o quanto ela pode ser vazia e sem significado.

Quando Roquentin se depara com a realidade, ele sente náuseas por acreditar que essa realidade é absurda. Ao buscar sua identidade absoluta, o homem está condenado ao fracasso, já que tem a consciência de sua finitude. A existência humana seria absurda e sem sentido.

A vida do herói do romance é desprovida de sentido; nenhum pré-sentido consegue mais orientá-lo; ele existe como uma coisa, como todas as coisas emergem, na experiência da náusea<sup>8</sup>, em sua gratuidade e em seu absurdo: um sujeito sem sentido cancela de golpe o sentido de todas as coisas e passam a faltar instruções para o seu uso. Antoine Roquentin começa a vivenciar e se tornar auto-consciente de sua nova concepção da existência, muitos de seus pensamentos são indigestos por tocarem em pontos sensíveis da sociedade moderna. Ele acha que sua própria liberdade física e mental são inúteis e por isso crê que a existência humana chega a ser muitas vezes ignóbil e medíocre.

---

<sup>7</sup> “[...]‘sou certamente o produto monstruoso do capitalismo, do parlamentarismo, da centralização e do funcionalismo’, escreveu Sartre em 1940, ano de grandes mudanças em sua vida, quando tenta aprender a situação que o ‘constituiu-se’ e a partir da qual empreende ‘personalizar-se’.” (CONTAT, 2000, p. 867).

<sup>8</sup> É necessário observar que existe uma interessante distinção entre “ser” e “sentir” a náusea. Sartre não defende o “sentir a náusea”, mas afirma que somos “a náusea”.



Mais do que a morte, afirma Sartre, a própria existência é um absurdo porque embora eu possa ter projetos, ter sonhos e aspirações, tenho também consciência da morte, então porque buscar tanto nossos desejos, se um dia deixarei de existir? A existência não tem razões, nem explicações, ela não se justifica por si mesma.

Para Sartre, foi o homem que teria criado Deus e que ele nunca chegará a esse Deus, já que nele o homem concebe o absoluto, que sua natureza jamais alcançará. A existência, afirma Sartre, não é a necessidade, existir é simplesmente estar presente.

“A Náusea” (SARTRE, 1938) é um livro extremamente reflexivo e passível de inúmeras interpretações. Ele aborda a questão que o homem mais anseia solucionar em toda sua vida, o sentido da existência e o quão irracional essa existência pode nos parecer ser.

## CONCLUSÃO

Embora o escopo desse texto acadêmico seja a reflexão inicial sobre a morte, apresentando em poucas palavras o pensamento de três autores, cujas idéias colaboram para nossa reflexão, o nosso olhar pode se ampliar sobre diversos assuntos em pauta na atualidade que estão diretamente relacionados ao tema tratado nesse artigo: a vida dos enfermos que pode cessar por decisão alheia, a decisão da existência ou não de um ser indefeso, a vida daquele que comete crime, esses apenas são alguns exemplos dos assuntos que se concentram geralmente no campo da bioética, e que exigem determinados conceitos de morte para que a discussão seja produtiva.

As situações de morte “provocada” ou “permitida” nos conduzem a uma séria reflexão: embora esse evento fúnebre seja de ordem natural, (pois todos estão sujeitos a essa eventualidade) a vida, antônimo da morte, é dotada de uma significação muito particular, o que não permite ocasioná-la, de modo algum, no outro. Não temos a capacidade de decidir se a vida do outro vale mais ou menos, como defendem os partidários da implantação da pena de morte no Brasil, onde um sistema judiciário já deficitário, não teria condições alguma de provar sua credibilidade em uma situação tão séria.

Tendo apresentado as três visões, muito particulares de cada um dos filósofos, somos capazes de lançar um olhar muito mais amplo sobre a problemática aqui



discutida. Seus argumentos podem nos ajudar na compreensão desse tema, ainda que de modo muito breve e introdutório, essas linhas devem aguçar a discussão desse tema.

Finalizamos este trabalho científico propondo que, a partir de nosso estudo sobre a morte, a vida possa ser mais bem vivida e defendida, esse é o objetivo anexo do nosso esforço na elaboração desse texto.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARMENGAND, F. Russell. In.: HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUDI, R. *Dicionário de Filosofia da Cambridge*. São Paulo; Paulus, 2006.
- BRUNSCHWIG, J. Epicuro. In.: HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CONTAT, M. Sartre. In.: HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4ª ed. ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- HUISMAN, D. *Dicionário de Obras Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LAÊRTIOS, D. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. Vol. 3. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- SARTRE, J. P. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SAVATER, F. *As perguntas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIANA, C. A. *Apostila para o Curso de Pesquisa Filosófica I*. Marília, SP: Faculdade João Paulo II, 2010.